



DOSSIÊ – Desafios contemporâneos

O futuro entre o lazer e a alienação: a sociedade pós-industrial no livro *The year 2000*, de Herman Kahn e Anthony Wiener (1967)

Fabio Sapragnas Andrioni

Pós-Doc no IEA-USP, Prof. Dr. Em História Social, USP
fsandrioni@yahoo.com.br

Como citar este artigo: Andrioni, Fabio Sapragnas. “O futuro entre o lazer e a alienação: a sociedade pós-industrial no livro *The year 2000*, de Herman Kahn e Anthony Wiener (1967)”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, nº 7, pp. 16-30. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Este artigo aborda o conceito de “sociedade pós-industrial” apresentado no livro *The year 2000*, lançado em 1967 e escrito por Herman Kahn e Anthony J. Wiener. Este conceito resulta da compreensão de história dos autores a partir da ideia de tendência múltipla. Esta tendência é uma relação de outras tendências, as quais vêm de séculos atrás, e sua extrapolação resulta em um desenvolvimento por estágios econômicos. Todavia, os autores não apresentam a sociedade pós-industrial de uma só maneira, mas a partir de várias possibilidades, algumas consideradas boas e outras, ruins. As diversas possibilidades abrangem questões culturais e sociais, construindo, enfim, uma teoria de desenvolvimento.

Palavras-chave: Futurologia, sociedade pós-industrial, teoria de desenvolvimento.

The future between leisure and alienation: postindustrial society in Herman Kahn and Anthony Wiener's book The Year 2000 (1967)

Abstract: This article is about the concept of “post-industrial society” presented by Herman Kahn and Anthony J. Wiener in the book *The Year 2000*, released in 1967. This concept results from Kahn and Wiener’s historical comprehension through the idea of multifold trend. This trend was a mutual relation of other trends that come from some centuries ago and the outcome of its extrapolation is a development by economical stages. However, the authors do not present the post-industrial society in only one way, but there are several possibilities, some of them are evaluated as good, others, as bad. The possibilities spread over cultural and social issues and, by the end, build a development theory.

Keywords: Futurology, post-industrial society, development theory.

Introdução

O livro *The year 2000: a framework for speculation on the next thirty-three years* foi lançado em 1967, nos Estados Unidos, e tinha, como autores, o advogado e cientista político, Anthony J. Wiener, e o famoso futurista e estrategista da guerra atômica, Herman Kahn.

The year 2000 foi produto não só do esforço dos dois autores, mas também do *think tank* criado por Herman Kahn, em 1961, em Nova Iorque, chamado *Hudson Institute*. Criado para ser uma consultoria para os meios militares, o Instituto acabou ampliando sua área de interesse e dedicou-se a estudos mais amplos, inclusive sobre o futuro. Ao especularem sobre o futuro, os membros do Hudson acabaram utilizando o passado para embasar suas previsões e seus planejamentos, visando, com isso, apresentar um estofo argumentativo para tentar convencer seus potenciais contratantes de que conheciam as possibilidades para o futuro e sabiam como se preparar para elas.

Em Kahn e Wiener, a explicação histórica e a especulação do futuro se assentam sobre a mesma base: a tendência múltipla. Ela se constitui como um processo histórico, pois é composta por várias tendências¹, algumas iniciadas há mais de mil anos. Todas foram decisivas para a constituição do Ocidente e ainda estariam presentes, influenciando inclusive as possibilidades futuras. O resultado mais direto e sem surpresas dessas tendências seria uma transição de estágio da história e, com isso, uma mudança profunda na organização social, a qual culminaria na sociedade pós-industrial².

O conceito e a ideia de uma sociedade pós-industrial foram baseadas no livro *The coming of the post-industrial society*, de Daniel Bell, e elas foram pensadas dentro do contexto do início do programa de estudos sobre o ano 2000 do *Hudson Institute*. Já com uma trajetória de pesquisas de consultoria para o governo dos EUA, principalmente na área militar, o Hudson já demonstrava interesse pelo ano 2000 desde 1962. Todavia, a questão só se tornou um tema de estudo organi-

¹ Ao longo dos livros de Kahn, desde “O ano 2000”, o número dessas tendências variou. No “O ano 2000” (1967), são treze, no *Things to come* (1972), quinze, no *The next 200 years* (1976), dezesseis, e, por fim, no *World Economic Development* (1979), quatorze.

² Sobre as tendências: KAHN, H.; WIENER, A.J. *The year 2000: a framework for speculation on the next thirty-three years*. S/l: Hudson Institute, 1967, p. 5-7, 24-25, 27; KAHN, H.; WIENER, A.J. *O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos*. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968, p. 32-35, 52-58; KAHN, Herman. *World economic development: 1979 and beyond*. Boulder: Westview, 1979, p. 10, 27-29; KAHN, Herman; BROWN, Willian; MARTEL, Leon. *Os próximos 200 anos: uma visão otimista do futuro*. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 212-219; KAHN, Herman; BROWN, Willian; MARTEL, Leon. *The next 200 years: a scenario for America and the world*. New York: Morrow, 1976, p. 181-187; KAHN, Herman; BRUCE-BRIGGS, B. *Things to come: thinking about the seventies and eighties*. New York: Macmillan, 1972, p. 7, 9.

zado dentro do Instituto quando houve o contato com a “Comissão para o ano 2000”, da *American Academy of Arts and Sciences*, liderada por Daniel Bell³. Grande parte dos relatórios apresentados por Kahn e pelo Instituto Hudson para a Comissão foram bem recebidos e acabaram compondo o livro *The Year 2000*, além de servir de base para a elaboração dos livros subsequentes. Portanto, apesar de aqui nos centrarmos no *The year 2000*, em alguns momentos referir-nos-emos a livros posteriores de Kahn, para complementar algumas noções que foram pouco explicadas ou desenvolvidas no primeiro livro.⁴

A sociedade pós-industrial como resultados de tendências históricas

Dentro da tendência múltipla, a tendência que deu início a outras tendências foi o crescimento demográfico, o qual, conforme Kahn e Wiener, iniciou-se entre os anos 8000 e 7500 a.C., com a Revolução Agrícola. A produção de alimentos propiciou o aumento do número de seres humanos e o surgimento das civilizações. Desde então, houve um crescimento cada vez maior da população, como uma taxa de aumento por milênio em torno de 80%, sendo que grande parte desse crescimento ocorreu a partir de 1500 d.C.⁵

A Revolução Agrícola e o crescimento populacional decorrente dela foram uma primeira fase de transição de um processo que seria mais longo, marcado, conforme categorização de Kahn, por três estágios e mais outro período curto de transição. Assim, antes da Revolução Agrícola, houve um primeiro estágio, caracterizado por ser pré-agrícola e primitivo, marcado pela caça, coleta de comida e organização tribal. Após a Revolução Agrícola houve um segundo estágio, marcado pela disseminação do ser humano pelo mundo, o qual durou até mais ou menos 1800 d.C. e caracterizou-se por ser agrícola, pré-industrial e civilizado. Em 1800 teria começado uma nova fase de transição, a qual, para Kahn, poderia durar até o ano de 2200. Esses quatrocentos anos findariam a era civilizada e eclodiriam algo novo. Uma primeira fase dessa transição ocupou e ocuparia os anos de 1800 a 2000 e resultaria diretamente da Revolução Industrial, quando ocorreu e ocorreria a industrialização pelo mundo e, por isso, também pode ser rotulado como moderno ou tecnológico. Já os dois séculos após o ano 2000 seriam o último estágio,

³ HUDSON Institute., July 1968, p. 9; SMITH, Mark J., 1972, p. 13-14; KAHN, Herman. *Two year 2000 scenarios*. Hudson Institute, 09 de Jul de 1962, p. 1-3.

⁴ SMITH, Mark J., *A short history of Hudson Institute 1961-1972*. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1972 (1 Aug) – HI-1718-P, p. 14-15; BRUCE-BRIGGS, B., *Supergenius: the mega-worlds of Herman Kahn*. Nova York: [s.n.], 2000, p. 287-288, 295; GHAMARI-TABRIZI, S. *The worlds of Herman Kahn: the intuitive science of thermonuclear war*. Cambridge: Harvard University, 2005, p. 79-80; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1966/1967(1966 - 1967), p. 24; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1969/1970(1969 - 1970), p. 38; BELL, Daniel. The Year 2000: The Trajectory of an Idea. *Daedalus*, Vol. 96, No. 3, Toward the Year 2000: Work in Progress (Summer, 1967), p. 639; BELL, Daniel. Commission on the Year 2000. *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences*. Vol. 19, No. 2 (Nov., 1965), p. 7-8; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000, *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1965/1966 (1965 - 1966), p. 25.

⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 59, 150-152; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 92-93.

quando, então, alcançar-se-ia um alto nível de riqueza econômica, universalizando as tendências já tradicionais, o que culminaria em uma ocidentalização do mundo.⁶

A sociedade pós-industrial provavelmente surgiria a partir dos últimos anos dos primeiros dois séculos da última fase de transição e o seu padrão é pensado essencialmente com bases em elementos estadunidenses, pois, Kahn acreditava que seria ali que ela se concretizaria pela primeira vez. Assim, para Kahn, o futuro da humanidade tinha grandes possibilidades de vencer a pobreza, a fome, as doenças, o analfabetismo e a grande carga de trabalho. Para Kahn, a maior força que poderia impedir esse avanço era uma guerra nuclear. No entanto, o tédio e a falta de desafios poderiam também ser fontes de problemas.⁷

Não é possível compreender o surgimento da sociedade pós-industrial desatrelado da crescente tendência de aumento da industrialização e da modernização. Apoiado em índices econômicos, Kahn e Wiener dividem as sociedades em cinco categorias que variam conforme a renda per capita:

1. Pré-industrial	50 a 200 dólares per capita
2. Parcialmente industrializada ou em transição	200 a 600 dólares per capita
3. Industrial	600 a +ou- 1500 dólares per capita
4. Consumo em massa ou industrial avançado	1500 a +ou- 4000 dólares per capita
5. Pós-industrial	+ de 4000 a +ou- 20000 dólares per capita ⁸

Para os autores, a condição mais comum durante toda a história foi a pré-industrial, já que caracterizou os dez últimos milênios, só sendo alterada entre os dois ou três últimos séculos, pela industrialização, a qual fez surgir sociedades totalmente industrializadas ou parcialmente industrializadas, estas últimas podendo chegar ao estágio industrializado, ou manter-se em um estágio intermediário. O estágio de consumo em massa era recente na época do livro, surgindo apenas após a II Guerra, inicialmente nos EUA⁹.

Os autores acreditavam que até o ano 2000, a sociedade pós-industrial já seria uma realidade em alguns poucos países, primeiramente, pela manutenção, até o novo milênio, das taxas de crescimento que se verificara 1952 e 1967, principalmente devido à busca pelo crescimento econômico que estava presente na maioria dos países. Por isso, esse fenômeno não se restringiria aos países capitalistas, mas atingiria todas as sociedades que focassem na economia,

⁶ KAHN, H., BROWN, W., MARTEL, L. *The next 200 years*. 1976, p. 23-24; KAHN, H., BROWN, W., MARTEL, L. *Os próximos 200 anos*, 1976, p. 44-45; KAHN, H., 1979, p. 7-8, 18-20, 27.

⁷ KAHN, H., 1979, p. 15-16; PANERO, Robert, 2 August 1972, p. 2-3.

⁸ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 58.

⁹ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 57-59; KAHN, H.; WIENER, A.J, 1968, p. 91-93.

como era o caso dos países socialistas. Portanto, a sociedade pós-industrial representaria uma quebra mais geral e global com a busca econômica como elemento principal e norteador das sociedades e dos indivíduos¹⁰.

Outra tendência importante para a concretização da sociedade pós-industrial, tal como compreendida e defendida por Kahn e Wiener, seria a do avanço tecnológico. Esta tendência, apesar de ser uma das causas dessa nova sociedade, continuaria após sua concretização, como uma de suas características, porém, agora, tendo que lidar com questões éticas essenciais para a humanidade.

A eletrônica, os computadores, o processamento de dados e a automação seriam, por exemplo, elementos característicos dessa nova sociedade e do momento histórico no qual ela se inseriria. Em algum sentido, toda essa tecnologia funcionaria como uma ampliação do poder humano sobre o ambiente, o que, invariavelmente, poderia causar mudanças ambientais, econômicas e sociais impactantes. Um exemplo pensado pelos autores era a capacidade dos computadores poder chegar a imitar ou mesmo superar a inteligência e a criatividade humanas, ou mesmo criar competências impossíveis para o homem. Um exemplo de avanço tecnológico nessa categoria seria a possibilidade da inteligência artificial ou conseguir replicar as faculdades emocionais humanas ou poder aprender por si mesma, conseguindo superar a própria compreensão de quem a programou. Para Kahn e Wiener, todavia, o mais provável é que o computador seria uma ferramenta importante tanto no âmbito privado, quanto no público. De qualquer forma, ambos afirmavam que, devido à importância que os computadores adquiririam para a realização de diversas tarefas no terço final do século XX, haveria o desenvolvimento de uma indústria de produção de computadores forte e presente¹¹.

Outra decorrência do avanço tecnológico, agora somado à industrialização, e que também foi posta como uma tendência histórica pelos autores, era o aumento da mecanização e da automação. Conforme Kahn e Wiener, a mecanização, resultado da reorganização e da especialização do trabalho, reafirmou essa nova configuração da atividade laboral, além de funcionar como um substituto e um aprimoramento da força dos homens e dos animais empregada na produção.¹²

A automação e a mecanização também poderiam ser fontes de problemas. Um dos efeitos nocivos possíveis seria a eliminação de algo em torno de dois milhões de empregos por ano. Todavia, a própria economia da sociedade pós-industrial geraria novas vagas de empregos. Assim, por mais que a automação fosse empregada também em setores fora da indústria, como

¹⁰ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 119-123, 127-128, 342-343.

¹¹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 86-91; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 124-130; KAHN, H., BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 16.

¹² KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 91-92.

os correios, ou o doméstico, o problema, conforme a conclusão dos autores em comparação com a década de 1960 nos EUA, não seriam os empregos eliminados pela automação, mas a incapacidade das políticas públicas abrirem novas vagas, mantendo, assim, a produtividade e a economia em crescimento, necessárias para a concretização da sociedade pós-industrial.¹³

Com essa forte presença das máquinas e computadores executando tarefas, o perfil profissional também seria alterado, com a automação, inclusive da atividade de professores, advogados e médicos, por exemplo. Algumas das profissões que, conforme os autores, se tornariam mais valorizadas seriam as de administrador, empresários, artesão e artistas, pois demandariam um tempo grande de treinamento. Por isso, grande parte desses profissionais adviriam das classes médias, principalmente superior.¹⁴

As pessoas continuaram vivendo em cidades, as quais tenderiam à formação de megalópoles, principalmente nos EUA, Inglaterra e Japão. Essa vida altamente urbana também colaboraria com a alteração do perfil do trabalho, pois aumentaria a importância dos setores terciário e quaternário em relação aos setores primário e secundário. O setor quaternário, entendido como o que presta serviços ao setor já prestador de serviço, concentrar-se-ia nos órgãos de governo e em empresas, o que as tornaria os principais empregadores da sociedade pós-industrial, assim como os principais promovedores de inovações. A diminuição de importância do setor primário ocorreria ainda pela menor dependência de matérias-primas caras ou de difícil acesso, o que também tornaria o território uma questão menor. Assim, os autores não acham absurdo que, no futuro, se pudesse alcançar algo próximo a uma sociedade onde todos os bens materiais são fornecidos, sem taxas, e as atividades econômicas se resumam aos serviços ofertados. De qualquer forma, com a preponderância do setor quaternário, seria ele que atrairia as pessoas mais criativas e inovadoras e, com isso, propiciaria as descobertas tecnológicas e científicas.¹⁵

Portanto, o avanço tecnológico seria um dos agentes principais de outra tendência: a rapidez das mudanças. Pelas mudanças serem cada vez mais rápidas, os autores não confiavam em poder especular sobre a situação tecnológica além da década de 1980. Porém, o desafio não seria somente para os futurólogos, mas também para as instituições e para a própria cultura em evitar ou mitigar a desumanização e a degradação ecológica que o avanço tecnológico poderia causar.¹⁶

¹³ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 92-94.

¹⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 210-211.

¹⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 61-63; KAHN, H., 1979, p. 13-14; KAHN, H., BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 223-225.

¹⁶ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 16-117.

A sociedade pós-industrial entre o lazer e a alienação

O crescimento econômico somado ao desenvolvimento da automação e da industrialização permitiria, então, o aumento da produtividade por hora, fenômeno que os autores defendiam como um processo em marcha desde o fim da II Guerra. Em paralelo a isso, cairia a média de horas trabalhadas, as quais poderiam imediatamente ser convertidas em horas de lazer¹⁷. Portanto, na sociedade pós-industrial, as pessoas trabalhariam menos, sem enfrentarem, por isso, uma redução da renda, pois a automação manteria o aumento do produto nacional bruto. Um efeito direto desse novo perfil da sociedade poderia ser uma nova valoração das atividades de lazer e recreação, pois a aposentadoria seria conquistada mais cedo, em contraponto a uma expectativa de vida um pouco mais longa¹⁸. Porém, não seria só a expectativa de vida que agravaria a questão da aposentadoria, pois, através da possibilidade de substituir ou reimplantar membros perdidos, ou pelo transplante ou substituição de órgãos e tecidos, o envelhecimento e seus efeitos seriam contidos.¹⁹

Usando como base o conhecimento sobre estilos de vida do passado e do presente, assim como a análise da década de 1960, Kahn e Wiener especulam acerca das mudanças sociais e culturais que uma sociedade como a pós-industrial imprimiria no relacionamento da humanidade com o mundo e com a sociedade. No caso de um mundo pacificado – ou pelo menos sem uma ameaça que parecesse real e eminente – economicamente próspero, com desenvolvimento tecnológico constante e com um crescimento demográfico controlado, algumas mudanças que pareciam óbvias aos autores eram, além do já comentado aumento do lazer acompanhado de uma redução das pressões do trabalho: os avanços nas áreas de saúde que alterariam profundamente a cultura e os estilos de vida, a maior disponibilidade de bens, assim como de transporte e comunicação, e, por fim, a ausência de problemas vitais relacionados à economia ou à segurança nacional.²⁰

Uma possibilidade, portanto, era que o trabalho perdesse o valor que possui na sociedade industrial. Os autores acreditavam que somente 1/5 da população trabalharia mais horas que o normal para aquela sociedade. Os que trabalhariam o tempo normal seriam apenas metade da população ativa. E as motivações para isso seriam ainda de renda, mas também poderiam ser altruístas, já que seria a contribuição desses trabalhadores que sustentaria a produção nacional, permitindo que algo em torno de 20 a 30% da população trabalhasse esporadicamente, visando somente uma renda que pagasse suas atividades de lazer²¹. Este último tipo de atitude seria comum entre a classe média inferior, a qual trabalharia menos durante a semana e poderia, então,

¹⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 123-127.

¹⁸ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 194-198.

¹⁹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 105-109, 123-127, 194-198; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 169-174, 244-247; KAHN, H., BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 225-226.

²⁰ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 193-194.

²¹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 196.

se dedicar mais às atividades de lazer ou a ter outro emprego, para aumentar a renda e desfrutar de atividades mais caras.²²

Essa diminuição da importância do trabalho na vida das pessoas alteraria também a sua valorização. Os autores acreditam que alguns encarariam o trabalho como algo detestável, principalmente se conseguissem viver sem precisar trabalhar. Outros encarariam o trabalho como uma interrupção do lazer necessária para financiá-lo. Haveria, no entanto, os que ainda veriam no trabalho um meio de satisfação e realização, ou até como uma missão e a finalidade da vida.²³

Outra mudança esperada era a diminuição da importância dos negócios em prol de uma busca pela erudição, acompanhando as tendências de aumento do volume de informação e de rapidez da mudança, principalmente pelo desenvolvimento tecnológico, o qual demanda uma constante atualização do conhecimento²⁴. Portanto, uma mudança nos processos educacionais também ocorreria.

Conforme os autores, já existiria uma tendência longa de aumento da alfabetização e da educação, ambas necessárias para acompanhar a tendência de ritmo rápido de inovações e mudanças. Por isso, a escolaridade tenderia a crescer e esse processo daria as pessoas a chance de expressarem sua criatividade, exercerem suas vocações de forma recompensadora (inclusive economicamente) e, então, contribuir para a continuidade do crescimento econômico. Todavia, para os autores, a valorização da educação poderia conduzir a um intelectualismo sem compromisso, extremamente conceitual e pouco relacionado ao mundo concreto. Além disso, os indivíduos poderiam se agrupar conforme seus interesses e tornarem-se autorreferentes e “especializados” em si mesmos.²⁵

Essas possibilidades decorrentes do aumento da educação e do tempo dedicado ao lazer provavelmente se manifestariam em primeiro lugar na classe média superior e nos ricos. A classe média superior, por exemplo, apresentaria uma tendência a imitar o padrão de vida da aristocracia rural do século XIX, uma vez que investiria em educação, viagens, residências e entretenimento caros, atividades culturais e etiqueta. O interesse por pensamentos exóticos, principalmente ligado a partes de um misticismo oriental, também seria comum dentro desse segmento da sociedade. E, apesar de desfrutarem de mais horas de lazer, esse setor da classe média, assim como a classe média baixa, não se sentiriam ricos e, por isso, poderiam manter alguns dos valores voltados para a valorização do trabalho.²⁶

²² KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 206-207.

²³ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 207-209; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 260.

²⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 187-188.

²⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 63-64, 186-188, 198-199; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 234-237, 248-249; KAHN, H.; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 13, 28, 80-81, 225-226.

²⁶ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 207-208.

Todavia, o tempo livre poderia também apresentar efeitos não tão benéficos. A falta de desafios sociais, econômicos e políticos, para os autores, poderia resultar em uma série de perfis individuais imaturos e individualistas, o que impactaria diretamente na sustentação dos ideais necessários para a nação, podendo interromper a tendência duradoura de ideais burgueses, nacionais, burocráticos, democráticos e meritocráticos. O resultado direto disso seria a perda do interesse pela política e pelo governo e o crescimento do egoísmo e do comportamento antissocial²⁷. Tal mudança implicaria em um baque forte em sustentáculos das sociedades estadunidense e ocidental e geraria, invariavelmente, novas maneiras de se interpretar e agir no mundo, o que poderia ser agravado conforme a tecnologia avançasse, desenvolvendo novas capacidades bélicas, ou rompendo com fronteiras espaciais e biológicas tradicionais e aparentemente intransponíveis. Tudo isso poderia causar reações de ressentimento, de isolamento, de desespero e de ansiedade.²⁸

Um resultado possível, explorado por Kahn e Wiener, é aquilo que os autores chamam de alienação pós-industrial. A alienação resultaria diretamente da riqueza e caracterizar-se-ia pela manifestação de valores materialistas e pela busca de prazer e de satisfação sensorial em detrimento dos valores dedicados ao trabalho e ao dever com o coletivo e com o público.²⁹

A alienação do indivíduo poderia ainda ser majorada pelo uso de drogas para evitar o contato com a realidade cotidiana mais incômoda ou mesmo pelo sentimento do indivíduo – normalmente jovem, conforme os autores – de que a sociedade não atende as suas necessidades. Um resultado possível e provável em reação a esse tipo de sentimento seria a formação de ou a filiação a movimentos ideológicos de cunho rebelde, principalmente contra os valores da sociedade industrial. Com isso, poderia existir também um aumento do crime e da delinquência, assim como várias reações neurológicas e psicológicas destrutivas de si e do convívio social, como suicídios e neuroses, por exemplo. As religiões tradicionais, frente a esse cenário, poderiam ou enfraquecer, ou serem reinterpretadas e ressignificadas.³⁰

A alienação na sociedade pós-industrial também poderia ter seu aspecto social, já que a prosperidade não estaria acessível a todos, pois muitos abandonariam uma vida voltada ao trabalho e à busca de renda, preferindo sobreviver por meio da assistência estatal. Esse contingente poderia não ser sentir partícipe da nova sociedade e, então, rumar para o alcoolismo, para o vício e para a marginalidade. Essas pessoas constituiriam, dessa forma, a porção social mais baixa, viveriam essencialmente nas cidades e constituiriam uma minoria, a qual, apesar de não conseguir controlar a política, teria alguma influência, principalmente por atrair a atenção e o apoio de parte dos intelectuais. Por outro lado, as classes médias que trabalhavam poderiam

²⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 198-199.

²⁸ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 193-194, 198-199, 200-201, 211-213.

²⁹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 200.

³⁰ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 201-202.

encarar os indivíduos que renunciaram ao trabalho como “parasitas” de sua produção e, como reação, oporem-se aos direitos civis e apoiar políticas conservadoras. Todavia, para Kahn e Wiener, existiriam alienados também entre os filhos da classe média alta, como resultado direto de famílias desmembradas e da falta de desafios. Seria ainda entre essa classe que poderia se manifestar uma romantização daqueles que vivem fora da sociedade, o que abarcaria tanto os pobres por opção, quanto algumas formas de criminalidade, acentuando ainda mais os comportamentos postos como alienados por Kahn e Wiener.³¹

Assim, uma das fontes de alienação seriam os jovens, com sua rebeldia e inconformismo. Isso poderia verter para comportamentos extremos e exagerados, principalmente nos ideários políticos, éticos e religiosos. A ausência de normas e padrões sociais claros, para os autores, poderia agravar os comportamentos adolescentes e culminar em movimentos de massa radicais contra valores como os de trabalho e de progresso.³²

A sociedade pós-industrial como uma mudança cultural

Para Kahn e Wiener, a sociedade pós-industrial, no âmbito cultural, refletiria uma mudança de âmbito histórico. Uma primeira mudança, a qual era também uma tendência componente da tendência múltipla, seria a secularização quase total da cultura, a qual seria seguida ou por uma retomada religiosa ou pelo crescimento do hedonismo e da busca pela satisfação dos sentidos. Os autores comparam essa possível situação futura com aquilo que entendiam como parte da história do Império Romano, quando várias religiosidades começaram a se manifestar e parte da sociedade e da intelectualidade romana não considerou os possíveis desdobramentos desses movimentos. Kahn e Wiener argumentam que o desdém sobre a irracionalidade e a emotividade de movimentos da década de 1960, como os *hippies* ou a Nova Esquerda, poderia apresentar efeitos semelhantes à eclosão do Cristianismo no Império Romano no que se refere a como uma nova forma de interpretar o mundo pode se impor.³³

Conforme Kahn e Wiener, movimentos de massa poderiam surgir como congregadores em torno dessas ideologias postas como irracionais. Uma forma de lidar com esses movimentos seria o controle social, por meio, por exemplo, do tratamento coercitivo para doenças mentais. Esses tratamentos poderiam visar tornar as pessoas mais ativas e dispostas ao trabalho. Por outro lado, o próprio avanço biomédico poderia também enfraquecer a espécie humana, se ela comesse a ser “manufaturada” pela genética, eliminando, assim, a sobrevivência do mais apto e

³¹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 200-208.

³² KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 207-208, 341-342.

³³ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 190-191, 343-245.

substituindo-a pela adaptação de quem está vivo³⁴. Isso significaria a utilização de drogas para adaptar as pessoas ao ambiente em que deveriam atuar.³⁵

As drogas também poderiam ser usadas para o controle das pessoas, evitando com que elas se rebelassem. Isso daria ao governo uma tranquilidade para lidar com os problemas mais imediatos e sobre os quais teriam controle direto. As drogas e outras tecnologias de manipulação mental, como alucinações induzidas, por exemplo, também poderiam ser usadas – inclusive desde a infância – para criar um sentimento de coletivismo, principalmente se os comportamentos considerados alienados fossem categorizados como doenças ou distúrbios. Para Kahn e Wiener, talvez a única maneira de evitar esse tipo de cenário seria rejeitar a tecnologia.³⁶

Questões éticas também apareceriam, uma vez que os avanços médicos poderiam confundir a definição do que é o ser humano. Vidas poderiam ser mantidas a partir do uso de órgãos sintéticos ou pelo uso de máquinas e mecanismos para executar funções fisiológicas ou cerebrais. Tudo isso criaria desafios jurídicos para definir se alguém estava morto ou vivo. Outro problema seria o demográfico, tanto em excesso, quando em falta, o que poderia ser contornado novamente pela tecnologia biomédica. De qualquer forma, para os autores, todas essas questões afetariam a ação governamental, assim como a própria noção de civilização.³⁷

A manifestação de comportamentos considerados pelos autores como alienados poderiam ser acompanhados pelo aumento do consumo de drogas e remédios, inclusive para mudança de personalidade, o que demandaria uma reação médica, social e política para represar tais práticas, ou pelo uso de outras tecnologias biomédicas e de manipulação psicológica para realizar um trabalho de “higiene mental” que se contraporiria a esse de “mácula psicológica”³⁸. Todo esse avanço tecnológico só seria possível devido a pesquisas sobre o funcionamento do cérebro, as quais poderiam propiciar tanto o controle, quanto o abrandamento de problemas como a esquizofrenia, por exemplo. Porém, tais técnicas também poderiam ser usadas para forçar pessoas a confessarem o que fizeram. E, em um cenário mais extremo, a tecnologia biomédica poderia ser usada para a produção de cérebros com capacidades cognitivas e intelectuais inferiores e dedicados ao trabalho. Ou seja, uma série de questões éticas se imporiam à sociedade como decorrência da ciência e da tecnologia.³⁹

Todo esse conjunto de mudanças poderia culminar em uma perda de confiança da humanidade em si mesmo, fazendo com que ela só encontrasse conforto em religiões excêntricas, as quais buscariam trazer um novo sentido para o homem em relação ao seu sentido de existir e

³⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 346-347.

³⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 105-115, 351.

³⁶ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 348-351.

³⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 114-115, 348-349.

³⁸ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 348-350.

³⁹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 109-111.

seu papel no mundo, podendo inclusive se materializar em uma grande recusa ao mundo pós-industrial. Nesse sentido, alguns movimentos poderiam pender ao crime organizado, visando desarticular a sociedade, ainda mais se esses criminosos possuísem acesso a armas de destruição em massa. O ataque a computadores e redes eletrônicas governamentais também poderia se tornar uma tônica, acessando, dessa forma, os arsenais das nações.⁴⁰

De frente a essas possibilidades, os autores cogitam que a reação mais eficaz dos governos poderia ser uma vigilância rígida, a qual seria exercida também por meios tecnológicos que monitorariam conversas e imagens. Outros mecanismos, associados aos bancos, por exemplo, poderiam colaborar com esse controle da população.⁴¹

Todavia, para os autores, a maior ameaça dentro dessa questão do controle seria no caso da mudança do sistema político, com a deterioração da democracia e a ascensão de pequenos grupos ao poder, ou, em um caso mais extremo, se o controle saísse da mão dos homens e mulheres e fosse passado às máquinas, somadas a um sistema de uso de drogas para manter a população passiva.⁴²

Outra forma de controle seria aplicar a automação aos computadores, principalmente ao lidar com dados e informações. Assim, um grande sistema integrado de vigilância poderia fornecer informações sobre as práticas coletivas e individuais. Tal prática poderia ocasionar, em contrapartida, uma grande reflexão e a elaboração de doutrinas legais para normatizar esse tipo de espionagem. Portanto, também surgiriam novas formas de guardar os dados, a qual levaria a sociedade a um novo estilo de vida, já que seria rica em informações.⁴³

A sociedade pós-industrial representaria, portanto, uma grande transformação que refletiria inclusive nas bases culturais do ocidente, pois as tendências de industrialização, de modernização, de desenvolvimento científico e de ritmo da mudança, que derivaram das tendências da cultura cada vez mais materialista e científica e da ideologia burguesa, poderiam ser transformadas em alguns de seus aspectos elementos e reafirmadas em outros, principalmente nas características do empirismo, da secularização, do pragmatismo e do hedonismo. Porém, o avanço histórico dessa cultura materialista apresentaria, conforme os autores, características de cinismo, niilismo, de falta de sentido e de relativismo. Era justamente essa mudança que os autores acreditavam acontecer⁴⁴.

⁴⁰ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 347, 351-352.

⁴¹ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 347-348.

⁴² KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 351-352.

⁴³ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 91-105; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 130-138.

⁴⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 40-44.

O passado para entender o futuro

Portanto, a sociedade pós-industrial, tal como delineada por Kahn e Wiener, apresentaria uma grande expansão econômica, a qual se daria através de técnicas modernas de administração e de produção. Porém, ao lado disso, haveria possíveis sentimentos de desumanização e de afirmação de que o indivíduo pode realizar o que acha correto, inclusive se isso for contra a comunidade⁴⁵. Assim, baseando-se em trabalho de comparação entre diferentes autores, como Sorokin⁴⁶, Quigley⁴⁷, Toynbee⁴⁸, Spengler⁴⁹, Boulding⁵⁰, Gibbon⁵¹, entre outros, os autores acreditavam na possibilidade de um ressurgimento religioso, o qual seguiria o estágio mais avançado de uma cultura materialista e hedonista. Essa manifestação religiosa poderia replicar algo já conhecido, ou ser uma mistura de alguma religiosidade já presente com questões e aspectos trazidos pelo avanço tecnológico ou com outras religiosidades, como poderia ser também, por fim, algo totalmente novo.⁵²

Esse novo momento da história seria marcado, ainda, pela derrocada dos valores burgueses, os quais os autores entendem como os de conquistas pessoais ou familiares, de parcimônia e cálculo financeiro e econômico, do sucesso profissional e nos negócios. Os valores democráticos também estariam em risco. Esses valores seriam uma espécie de contrato social estabelecido entre o povo e o governo eleito, o qual seria administrado de forma burocrática e meritocrática, permitindo, à sociedade, relativa mobilidade econômica e alguma noção de igualdade em relação às oportunidades. Outro valor ameaçado seria o nacionalismo, o qual ascendeu junto à burguesia. Todavia, para os autores, do seio dessa classe burguesa poderia nascer a contrariedade às características burguesas, como já ocorrera, para Kahn e Wiener, com o comunismo, o nazismo e o fascismo, que encontraram suas bases nas classes médias. Todavia, outra possibilidade aventada pelos autores é que o nacionalismo aparecesse renovado, agora como um sentimento em relação a blocos de nações.⁵³

⁴⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 46.

⁴⁶ SOROKIN, Pitirim A. *Social and cultural dynamics*. New York/ Cincinnati/ Chicago/ Boston/ Atlanta/ Dallas/ San Francisco: America Book Company, 1937. v.2; SOROKIN, Pitirim A. *Social and cultural dynamics: a study of change in major systems of art, truth, ethics, law and social relationships* (abridged by Sorokin, P.A.). Boston: Extending Horizon/Porter Sargent, 1970; SOROKIN, Pitirim A. *Social philosophies of an age of crisis*. Boston: Beacon Press, 1950.

⁴⁷ QUIGLEY, Carrol. *A evolução das civilizações*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

⁴⁸ TOYNBEE, Arnold. *A América e a revolução mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963; TOYNBEE, A.J. *A study of history* (Abridgement vol. I-VI, by D.C. Somervell). New York/ London: Oxford University Press, 1958. v.1; TOYNBEE, A.J. *A study of history* (Abridgement vol.VII-X, by D.C. Somervell). New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987. v.2.

⁴⁹ SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da História Universal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964; SPENGLER, Oswald. *The decline of the West: form and actuality* (vol. 1). London: Allen & Unwin, 1918.

⁵⁰ BOULDING, Kenneth E. *O significado do século XX: a grande transição*. São Paulo/Rio de Janeiro/Lisboa: Fundo de Cultura, 1966.

⁵¹ GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. (Edição abreviada). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁵² KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 26-27, 40-41, 48.

⁵³ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 48-50.

O passado é uma importante referência para os autores construírem suas hipóteses sobre a mudança para o futuro, uma vez que acreditam que fenômenos semelhantes já ocorreram. Um exemplo usado pelos autores para a comparação é o Império Romano em relação ao mundo pré-clássico. Na construção história de Kahn e Wiener, os duzentos anos iniciais do Império Romano foram de prosperidade e paz. Porém, foi nesses dois séculos que sentimentos de ansiedade e apreensão começaram a surgir, assim como houve uma perda da “fibra moral” dos romanos pela falta de desafios. Isso fez com que, por exemplo, aumentasse o número de feriados em um período de quase um século, da ascensão de Augustos ao poder, entre 30 e 27 a.C., quando havia 76 feriados, para 176, em 68 d.C., quando da morte de Nero. Tal fato levava os autores a especularem que, na sociedade pós-industrial, caso a produtividade crescesse, dificilmente seus produtos seriam aplicados para aumentar ainda mais a produtividade, mas sim para o aumento das possibilidades de lazer. Tal mudança afetaria, então, a própria concepção de mundo e o relacionamento com a sociedade.⁵⁴

Portanto, poderiam surgir comportamentos e ideologias próximas a dos estóicos e epicuristas, ou seja, contrárias às guerras e de rejeição às ambições e às pretensões mundanas, tendendo a um escapismo. Concepções como a de que a virtude deve ser o caminho e o fim da existência e que uma lei natural direciona a humanidade e faz com que todos os homens sejam iguais. Poderia também haver uma renúncia à vida pública e ao poder como impeditivos do prazer, o qual só poderia ser atingido pelos sentidos e, por isso, a busca do prazer deveria ser o objetivo da vida. Poderia também existir o indivíduo consciente dos seus deveres, que se dedica ao trabalho e possui um senso público. Assim como também haveria o *hippie*, que buscaria expandir sua consciência por diversos meios e defenderia, em alguns casos, o ideal hedonista. Poderia se manifestar também o *gentleman*, como aquele que busca o autodesenvolvimento e a aprovação da sociedade por meio de habilidades que ela valorize, ou o humanista, que buscaria se aprimorar para concretizar certos ideais universais.⁵⁵

A sociedade pós-industrial como uma teoria de desenvolvimento

A proposta de Kahn e Wiener é, como vimos, uma interpretação e uma organização da história em estágios, que são em dois níveis. Há os três estágios históricos e há os cinco estágios sócio-econômicos, os quais servem como categorias para dividir as nações. Estes cinco estágios são globais, uma vez que se aplicam a todas as nações do mundo, e são construídos conforme critérios econômicos e sociais. As nações consideradas mais avançadas são as ricas e que apresentam um nível social mais alto. Elas contrastam com as nações atrasadas economicamente e socialmente. Todas essas características são próprias de uma teoria do desenvolvimento. As

⁵⁴ KAHN, H., WIENER, A.J., 1967, p. 189-190.

⁵⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 190-191.

teorias de desenvolvimento, ao construir tais entendimentos do mundo, buscavam também delinear caminhos possíveis para o desenvolvimento, o que normalmente abarcava algum nível de cooperação internacional para findar com a pobreza no mundo. Nesse sentido, várias agências internacionais surgiram buscando uma solução para o problema do desenvolvimento, assim como foram formados centros de pesquisa voltados a elaborar maneiras e meios de se alcançar o desenvolvimento. É dentro desse contexto, então, que podemos entender a proposta da sociedade pós-industrial de Kahn e do *Hudson Institute*.⁵⁶

O Instituto elaborou diversos estudos, como os sobre o ano 2000, visando vendê-los, não somente ao governo estadunidense, seu contratante tradicional, mas também para empresas multinacionais e para outros países⁵⁷. Portanto, ao formular um futuro como o pós-industrial, ao ligá-lo a um processo histórico longo e ao apontar suas benesses e seus possíveis malefícios no futuro, Kahn e seu Instituto apresentavam uma especulação sobre o futuro que tentavam mostrá-lo como verossímil, principalmente ao aproximá-lo do passado e do presente.

Ao dotarem essa possibilidade de futuro de verossimilhança, tornavam os problemas dela quase reais, pois, a aproximação desses problemas com o passado e, principalmente, com o presente, ressaltava certas características do momento como ou positivas, ou problemáticas. Ao realizar todo esse processo de diagnóstico, Kahn e o Hudson também se mostravam como a solução, pois, não só apontavam os problemas, como indicavam caminhos para resolvê-los, assim como os caminhos para usufruir das melhores qualidades da sociedade que apontavam para o futuro. Portanto, Kahn tentava ensinar como se precaver, no presente, contra problemas que não existiam, tal como postulados, pois eram do tempo futuro, não presente. Era, assim, a arte da manipulação do presente pelo futuro, qualidade, esta, das teorias de desenvolvimento, as quais justificavam a existência do presente por um passado normalmente organizado de forma faseológica – como ocorre no *The year 2000* – e apontam uma mudança futura, a qual normalmente é um rompimento com o presente e o passado e constitui, com isso, uma possibilidade nova e melhor para o futuro.

⁵⁶ COOPER, Frederick; PACKARD, Randall. *International development and the social sciences: essays on the history and politics of knowledge*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1997, p. 1-2; RIST, G. *The history of development*. London/New York: Zed Book, 2008, p. 13.

⁵⁷ Para mais detalhes sobre como ocorreu essa atuação de Kahn e seu Instituto entre as empresas e outras nações, Cf. Capítulos III, IV e V de ANDRIONI, Fabio S. *Quando a história também é futuro: as concepções de tempo passado, de futuro e do Brasil em Herman Kahn e no Hudson Institute (1847-1979)*. (Tese de Doutorado). São Paulo: 2014, p. 219-223) e o livro de Bruce-Briggs, *Supergenius*, já citado aqui anteriormente.